

LÍNGUA INGLESA E LÍNGUA ESPANHOLA NO ENEM: UMA ESCOLHA QUE AGREGA CRENÇAS

Elizabeth Ferreira Campos Barbosa¹

Gilvone Furtado Miguel²

Resumo: Este artigo procura estabelecer uma discussão e uma reflexão sobre a escolha da língua estrangeira pelos candidatos para a prova do ENEM, de Barra do Garças-MT. Por ser semelhante à língua portuguesa, mais da metade dos candidatos escolhem o Espanhol, sugerindo que quem opta pela língua inglesa são frequentadores de cursinhos ou outros ambientes apropriados para o ensino de idiomas. Essa situação advém de crenças que permeiam o ensino de línguas, especialmente, o inglês. Para essa pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa e quantitativa, bibliográfica, cuja revisão literária centra-se em pesquisadores como Paiva, Barcelos, Santos, PCN's e LDB e foram analisadas 40 (quarenta) provas do ENEM relativas ao ano de 2018, realizadas por alunos das escolas públicas estaduais de Barra do Garças-MT. Alguns dos questionamentos impostos foram: Se o ensino da língua inglesa é ofertado desde o Ensino Fundamental ao Médio e a língua espanhola é ofertada apenas no Ensino Médio, qual a razão dessa escolha? O que ocorre com o ensino de LI que não faz com que o aluno se sinta preparado para realizar esta avaliação? E os alunos que optam pela língua espanhola têm alcançado êxito? O tempo destinado para cada aula é suficiente para um bom aprofundamento da língua inglesa? Essa pesquisa apontou que, se o ENEM tem a relevância que ocupa nos dias atuais, então os idealizadores desta prova devem prepará-la tendo em vista a forma como realmente o ensino é desempenhado nas salas de aula brasileiras, especialmente, na rede pública de ensino. Para tanto, políticas públicas de valorização da educação brasileira devem ser criadas, também, com foco na língua estrangeira.

Palavras-chaves: Escolha. Crenças. ENEM. Línguas estrangeiras.

Abstract: This article seeks to establish a discussion and reflection on the choice of the foreign language by the candidates for the ENEM, from Barra do Garças-MT. Because it is similar to the Portuguese language, more than half of the candidates choose Spanish, suggesting that those who choose the English language are frequenters of language courses or other appropriate environments for language teaching. This situation stems from beliefs that permeate language teaching, especially English. For this research the qualitative and quantitative bibliographical approach was used, whose literary revision focuses on researchers such as Paiva, Barcelos, Santos, PCN's and LDB, and 40 (forty) ENEM tests from the year 2018 were analyzed by students of the state public schools of Barra do Garças-MT. Some of the questions raised were: If the teaching of the English language is offered from Elementary to High School and the Spanish language is offered only in High School, what is the reason for this choice? What happens to LI teaching that does not make the student feel prepared to carry out this assessment? And the students who choose the Spanish language have been successful? Is the time allocated for each class sufficient for a good study of the English language? This research pointed out that if the ENEM has the relevance that it occupies in the present days, then the idealizers of this test should prepare it considering the way in which the teaching is actually performed in the

¹ Elizabeth Ferreira Campos Barbosa- licenciada em Letras, Língua Inglesa e Espanhola pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, Barra do Garças/MT, Brasil. Pós-Graduada em Planejamento Educacional, EJA – Educação de Jovens e Adultos, Ensino de Língua Inglesa e Inclusão Social. Atua como docente no Ensino Fundamental e Médio, nas redes estaduais de ensino de Mato Grosso e Goiás. (<http://lattes.cnpq.br/6025174774947319>)

² Doutora em Letras e Linguística (2007) pela UFGO. Docente da UFMT/CUA.

Brazilian classrooms, especially in the public school system. Therefore, public policies of valorization of Brazilian education should also be created with a focus on the foreign language.

Keywords: Choice. Beliefs. ENEM. Foreign languages.

1 Introdução

Este artigo busca discutir e refletir sobre uma maior preferência dos candidatos pela língua espanhola em relação a língua inglesa, ao realizar a prova do ENEM. Se o inglês é ofertado desde o Ensino Fundamental ao Médio e a língua espanhola é ofertada apenas no Ensino Médio, qual a razão dessa escolha? Ainda são levantados outros questionamentos tais como: o que ocorre com o ensino de LI que não faz com que o aluno se sinta preparado para realizar esta avaliação? E os alunos que optam pela língua espanhola têm alcançado êxito? O tempo destinado para cada aula é suficiente para um bom aprofundamento da língua inglesa?

Para tanto, foi realizada uma pesquisa quantitativa e qualitativa, bibliográfica, cuja revisão literária está apoiada em Barcelos, Paiva, Santos, os PCNs. Para um alcance maior de conclusões acerca do tema proposto, também serão analisadas 40 (quarenta) provas do ENEM relativas ao ano de 2018, realizadas por alunos das escolas públicas estaduais de Barra do Garças-MT.

Se o ensino de língua estrangeira disponibilizado no Ensino Médio não tem atingido o que a maioria dos alunos espera e, de alguma maneira, a sociedade também, a recomendação dos PCNs e das Leis de Diretrizes e Bases que regulamentam a Educação brasileira nos recordam que a função do Ensino Médio não é apenas preparar o aluno para o ENEM, daí decorrem muitas crenças sobre a Língua Inglesa tais como: *Não é possível aprender inglês em escolas públicas* ou *Não se aprende inglês nos cursos de Letras, ou na escola pública, mas nos cursinhos*. Essas crenças acerca do ensino aprendizagem desse idioma têm sido disseminadas, seja por alunos dos cursos universitários, seja pelos da Educação Básica, por professores e, até mesmo, também, por aqueles pertencentes ao meio social.

Dessa forma, a língua inglesa encontra-se numa situação, de certo modo, fragilizada, pois para maioria das escolas da rede pública estaduais de Barra do Garças que ofertam Ensino Médio, são reservadas duas horas-aula para o desenvolvimento de língua estrangeira, sendo uma à Língua Espanhola e a outra à Língua Inglesa. Resume-se, então, em uma hora-aula semanal para cada disciplina. Esta situação configura-se como um desafio a ser superado, já que o pouco tempo inviabiliza um ensino de qualidade capaz de preparar o aluno

para realizar provas e testes como a do ENEM, em que são cobradas as habilidades de leitura e compreensão textual, de modo completo e crítico, seja da língua inglesa, seja da língua espanhola.

Nessa conjuntura, surge uma lacuna que, preenchida de crenças, certamente, os educadores isolados em suas salas de aula não conseguem supri-la e a existência de Políticas Públicas de valorização da Educação brasileira, em especial da língua estrangeira, é necessária, uma vez que ela exige desde a uma boa formação docente, recursos adequados, ambiente propício e turmas com números de alunos igualmente favoráveis ao ensino aprendizagem, pois a Língua Inglesa tem desempenhado um papel de suma importância, principalmente, no que diz respeito à interação entre pessoas do mundo todo, por ser instrumento de comunicação global, bem como favorecer o intercâmbio entre culturas e povos.

2 O ENEM

Idealizado pelo Ministério da Educação, desde 1998, o ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio tem acontecido uma vez por ano. Tanto os alunos da rede pública bem como os da rede privada têm realizado esta prova com o intuito de garantir uma vaga em alguma universidade brasileira, também conseguir bolsas de estudos nas Universidades particulares por meio do PROUNI - Programa Universidade para Todos, ou participar do programa Ciências sem Fronteiras, ou, ainda, poder financiar os estudos por meio do FIES, dentre outros.

Desde que foi instituído, o ENEM se preocupa em avaliar a capacidade de raciocínio do estudante, que deve estar preparado para usar os conceitos adquiridos no ensino médio para solucionar situações-problema.

Composta por 180 questões de múltipla escolha e uma redação. Para realização da prova são necessários dois dias. E o conteúdo contemplado nesta Avaliação Nacional envolve quatro áreas do conhecimento, a saber: Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias, com 45 questões cada, mais a prova de Redação. Sendo que destas 45 questões, 05 (cinco) delas são destinadas para LEM – Línguas Estrangeiras Modernas, mais especificamente o Inglês e o Espanhol.

Diante dessas duas possibilidades, o estudante secundarista, na maior parte das vezes, concluintes, precisa definir qual língua estrangeira deve ser escolhida para se

inscrever no ENEM. O que se deve considerar neste ponto é que eles sentem-se despreparados para fazer as provas de inglês e muitos acabam por escolher o espanhol, por acreditar ser mais fácil devido ao espanhol ser semelhante à língua portuguesa. Porém, o que eles desconhecem é que boa parte do vocabulário da língua espanhola não se assemelha ao da língua portuguesa, já que a raiz das palavras é semelhante, porém possui significado distinto.

Esta dúvida é, certamente, gerada pela insegurança dos alunos com relação ao ensino e também do aprendizado da língua inglesa. É uma disciplina que, conforme a realidade das escolas públicas estaduais de Barra do Garças, é ofertada desde o 6º ano do Ensino Fundamental e se estende até o Ensino Médio. Porém, no momento em que seriam aprofundadas as estruturas e novas estratégias, inclusive as de leitura, para que os alunos tenham maior conhecimento deste idioma, o número de aula cai para uma hora aula semanal, por ter que dividir com a língua espanhola o mesmo espaço, ficando os dois idiomas com a mesma quantidade, totalizando duas horas-aulas de línguas estrangeiras, o que de fato, não permite o avanço completo nem do espanhol, nem tampouco do inglês.

O aprendizado, neste caso, apresenta-se como panorâmico, parcial, incompleto e faz com que muitos alunos tomem decisões não acertadas, porque realmente não conseguem mensurar o quanto sabem de cada idioma, ou simplesmente, tem a certeza que não sabe o quanto será cobrado no Enem em termos de línguas estrangeiras. Entendem que seu tempo na escola não foi suficiente para, não só sentir-se preparado, mas estar preparado para realizar avaliações do nível como a do ENEM. E assim, com conceitos fragmentados, optam pelo espanhol por acreditar ser o mais fácil.

Outro dado importante é que da forma como a prova de línguas estrangeiras é apresentada, com cinco questões, o aluno não a vê como importante e investe mais tempo com estudo nas disciplinas de áreas como Ciências da Natureza e suas Tecnologias ou Matemática e suas Tecnologias. Ele não compreende que cinco questões respondidas corretamente podem fazer grande diferença numa média final.

Diante do exposto, fica a pergunta: o que ocorre com o ensino de LI que acaba por ter sido ineficiente para o objetivo a que se propõe grande parte dos alunos do ensino médio das escolas brasileiras, forçando-os a migrarem para o espanhol? No próximo tópico há uma reflexão que envolve o ensino e crenças sobre LI no Brasil, que certamente responde a este questionamento, ainda que parcialmente, pois é comprometedor garantir resposta completa a uma questão tão ampla e tão complexa como essa a que é proposta.

3 CRENÇAS QUE PERMEIAM O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Para falar sobre o ensino de Língua Inglesa, em contexto geral, é interessante lembrar que pesquisas mostram que essa disciplina tem sido alvo de muitas críticas, devido à má qualidade do ensino que tem ocorrido nos últimos tempos nas escolas públicas, não só de Barra do Garças, mas também em todo Brasil.

Associado a este aspecto estão crenças que revelam o descrédito no ensino desse idioma. Conforme as pesquisadoras Santos e Lima (2011): “(...) o termo crenças se refere a todos os assuntos para os quais ainda não dispomos de conhecimento certo e também os assuntos que aceitamos como verdadeiros, como conhecimento, mas que podem ser questionados no futuro” (SANTOS E LIMA. 2011, p.5).

Neste sentido, as crenças que envolvem o ensino de inglês no Brasil por parte da sociedade, da comunidade escolar e, até mesmo, de muitos profissionais de LI, estão ligadas com aquela ideia de que na escola pública regular só se ensina o verbo *to be* (sic) e que ao concluírem a Educação básica, os estudantes não conseguem falar com fluência, não conseguem ler e nem, tampouco, escrever nesse idioma. Vão passar boa parte de suas vidas na escola e não conseguirão desenvolver as habilidades de oralidade e escrita.

Em diversas circunstâncias é comum ouvir os estudantes dizerem: *Para que aprender inglês se não vou viajar?* ou ainda: *Estudo inglês desde o 6º ano e até hoje não sei nada.* Se essas declarações são mitos ou in(verdades); são também denúncias de que algo pode estar inadequado no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de LI e a razão pela qual circulam tais crenças pode estar relacionadas com o ensino deste idioma.

A lista destas crenças aumenta um pouco mais quando são considerados os dados encontrados pela pesquisadora Barcelos (2007), quando diz que há certas crenças que envolvem o ensino e a aprendizagem de línguas, tanto por alunos bem como por professores:

- Crenças de estudantes de Letras [...]:
 - É preciso ir para o exterior para se aprender inglês.
 - Não se aprende inglês no curso de Letras ou na escola pública, mas nos cursinhos.
 - É preciso falar como um falante nativo ao se aprender uma língua estrangeira.
- Crenças de professores em serviço [...]:
 - Não é possível aprender inglês em escolas públicas.

- Os alunos são desinteressados e fracos e por isso só devo ensinar coisas fáceis e básicas (BARCELOS, 2007, p. 112).

Certas evidências, como estas acima apontadas, têm transformado estas crenças, de certo modo, em verdades.

Dada a forma como os professores têm recebido sua formação nas Universidades brasileiras, conforme aponta Santos (2011): “(...) muitos que nem ao menos dominam o idioma são diplomados mesmo assim” (SANTOS, 2011, p.5). Como mudar a crença de que inúmeros alunos possuem quando mencionam que *É preciso falar como um falante nativo ao se aprender uma língua estrangeira?*

Pode ser que a performance oral desse professor em serviço não corresponda ao que os estudantes esperam, pois ao observar a oralidade desse profissional observa-se um desempenho insatisfatório. E, ainda, aqui poderia ser inserida outra crença a de que *Não se aprende Inglês no Curso de Letras ou na escola pública, mas nos cursinhos*. Talvez nos cursinhos o desempenho desses professores de idiomas seja um pouco mais satisfatório ou se espera que seja.

Neste contexto, há também casos de professores que, após alguns anos ministrando aula de inglês sem serem habilitados, dada a carência de profissionais, veem na Universidade a possibilidade de buscar meios para enriquecer sua prática didática, porém, o que se verifica no desenvolver dos programas dos cursos universitários é um ensino teórico distanciado da prática, com o foco na gramática, ensino técnico e pouco crítico-reflexivo. Assim, de acordo com Paiva (1997): “A boa formação é, muitas vezes, fruto apenas de esforço próprio, pois os cursos de licenciatura, em geral, ensinam sobre a língua e não aprofundam conhecimentos na área específica de aprendizagem de língua estrangeira” (PAIVA, 1997, p. 9).

As pesquisas e, também, os PCNs têm mostrado que as condições das salas de aulas brasileiras possuem elementos desfavoráveis para que transcorra um ensino aprendizagem de qualidade fazendo com que tais crenças perpetuem:

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas (BRASIL, 1998, p. 21).

Desde quando foram publicados os PCNs, em 1998, o que está escrito acima parece até uma profecia, pois o que se comprova, especialmente, nas escolas públicas

brasileiras está justamente como nesta descrição, pois ainda é constatada esta conjuntura até os dias de hoje. A vivência neste ambiente faz com que o educador construa conceitos e crenças como aquelas listadas por Barcelos: *Os alunos são desinteressados e fracos e por isso só devo ensinar coisas fáceis e básicas*. Com salas lotadas, evidencia-se a dificuldade em atender cada aluno, respeitando as individualidades e particularidades próprias de cada um. Os professores sentem-se que podem não atingir os objetivos esperados de cada aula e, assim, esta crença acaba por se justificar.

Entretanto, com relação ao ensino de línguas, as crenças devem ser tomadas com cautela e trazidas para discussões tanto dos professores com seus alunos, bem como dos professores formadores com professores em serviço, pois elas podem estar carregadas de situações que invocam o passado, que podem ou não corresponder aos acontecimentos presentes, mas que pela força de eventos passados, elas refletem no presente em forma de crenças, deixando de ser percebido o que realmente se passa no agora. E Barcelos acrescenta:

A sala de aula não é somente o lugar para se aprender língua materna ou estrangeira. É também o lugar para se aprender a pensar sobre a aprendizagem ou sobre fatores desse processo, como as crenças, os estilos e as estratégias de aprendizagem e suas mudanças. Dessa forma, nas aulas de línguas, é possível trazer isso à tona com atividades simples de narrativas, de trabalhos em pares, de grupos de discussão sobre leituras que encorajem a reflexão dos alunos sobre o que pensam (BARCELOS, 2007, p. 131).

Como assinala Barcelos, saber entender o papel do ensino de LE faz-nos compreender que a sala de aula extrapola o ensino de regras gramaticais e estruturas textuais, pois o educador ao ter que lidar com pessoas carregadas de convicções multiculturais, com valores e crenças distintas uma das outras, deve contemplar um ensino que se preocupa em agregar o outro e não excluí-lo, por meio do respeito às diferenças, por meio de discussões e reflexões. Se o educador em sua formação docente concebe saberes em que haja diálogo colaborativo, um ensino reflexivo, certamente esses saberes repercutirão de forma semelhante com seus aprendizes seja de ensino médio ou do fundamental.

Neste contexto, vale entender igualmente não só sobre o papel das LEs, mas também sobre o perfil do aprendiz concluinte da educação básica em sua etapa final e a função do Ensino Médio, conforme determina a LDB, em seu art. 35:

O Ensino Médio, etapa final da Básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade:

- I - a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- III - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina” (BRASIL, 2000, p. 33) .

Deste artigo sobre a finalidade do Ensino Médio, constante da LDB e transcrito para os PCNs, em primeiro lugar, não é possível extrair um indício forte de que a instrução do aluno secundarista deve ser pautada em prepará-lo para o ENEM, mas sim, é uma etapa de aprimoramento do que foi ensinado no Ensino Fundamental, para que ele possa dar continuidade aos seus estudos. Em segundo lugar, no inciso dois, a função do Ensino Médio seria, então, preparar os estudantes para o mercado de trabalho e aprender a conviver em grupos como cidadãos, com uma visão crítica do mundo que o cerca. Em terceiro lugar, no inciso três, é esperado que o aluno compreenda os fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, associado com teoria e prática, sugerindo a interdisciplinaridade.

Com isso, esperar que o aprendiz obtenha resultados excelentes no ENEM, em relação ao ensino de línguas estrangeiras, seria esperar algo que não condiz com o que tem sido ensinado em sala de aula e nem com o que é determinado que se ensine. De acordo com Jacques Delors: “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele” (DELORS, 1996, p. 89-102). Cabe a educação preparar o aprendiz para resolver situações problemas, vividas no dia a dia, seja na escola ou fora dela, ser cidadão crítico com capacidade de saber conviver em harmonia numa sociedade complexa, respeitando e reconhecendo as diferenças individuais, com capacidade de entender que sua participação social parte do princípio do direito e do dever que cada um deve ter para que o bem comum possa ocorrer.

É nesta conjuntura que o ensino de Língua Inglesa está inserido e desempenha um papel de relevância num mundo complexo e globalizado. Se ele não tem sido de qualidade como mostram as pesquisas, não se pode negar que a construção do saber deve acontecer em conjunto, num processo dialógico reflexivo crítico. Dizer que só o professor é responsável por este processo, é negligenciar a importância da participação do aprendiz que deve possuir uma postura mais participativa, menos indisciplinada e mais comprometido em cooperar com a constituição do seu próprio saber, desconstruindo, assim, em conjunto, as crenças.

3. ANÁLISE DOS DADOS

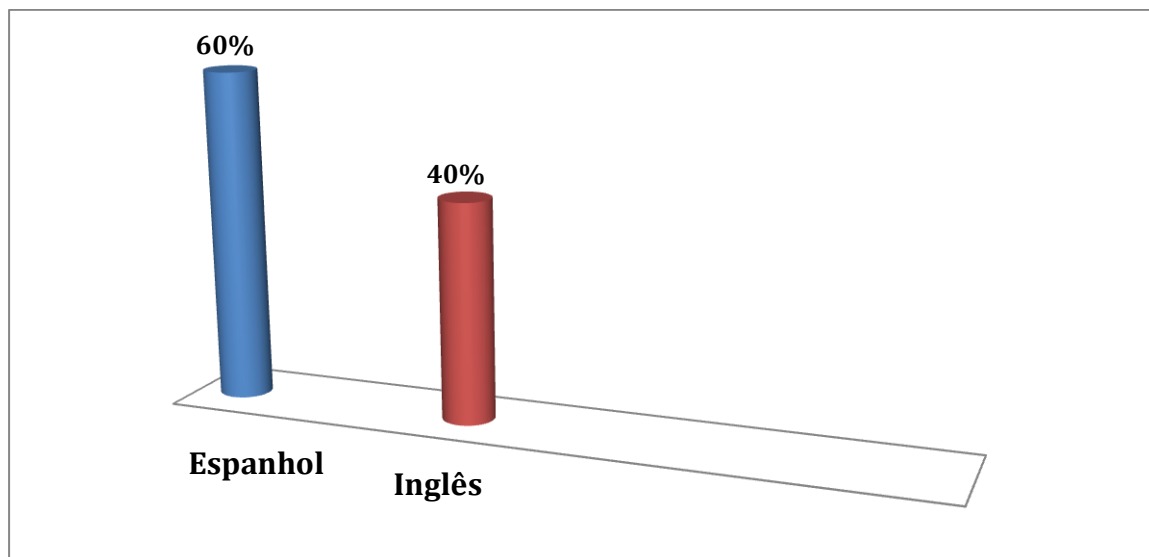
Para encontrar as respostas dos questionamentos que visam elucidar esta reflexão, especialmente aquela sobre se os alunos que optam pela língua espanhola têm alcançado êxito ao escolher este idioma na prova do ENEM, partimos agora para análise dos dados. Tais dados consistem na opção de escolha feita em 40 provas do ENEM realizadas por candidatos na cidade de Barra do Garças-MT. Apesar de ser uma pequena amostra, serviu para clarificar algumas indagações.

As provas de língua estrangeira foram realizadas no 1º dia do exame, sendo que em primeiro lugar vêm as questões de Língua Inglesa e, em seguida, as de Língua Espanhola. Nesta amostra havia cadernos em quatro cores: azul, amarelo, rosa e branco, sendo que as 05 questões elaboradas, foram distribuídas em uma sequência diferenciada para cada cor. Ou seja, as mesmas questões receberam numeração distinta em cada caderno, com 05 alternativas para uma única escolha. Na capa o slogan: ENEM 2018- 20 anos.

O conteúdo desta prova envolveu leitura e interpretação de diversos gêneros textuais, como poema, charge, notícia, trecho de livros, contendo temas variados que exige do candidato bastante conhecimento vocabular, conhecimentos gerais, temas voltados para globalização e tecnologias, tanto para a prova de língua inglesa quanto para a de língua espanhola.

Com relação a escolha dos candidatos, esta pesquisa mostra que, dos 40 cadernos analisados, 24 candidatos optaram pelo espanhol e 16 deles optaram pelo inglês.

Gráfico 1: Preferência dos candidatos



Conforme o gráfico 1, Preferência dos candidatos, acima, estes números configurados em percentuais apontam uma preferência maior pelo espanhol em detrimento ao inglês, pois 60% dos candidatos, no momento da inscrição para o exame, optaram pela língua espanhola e, apenas 40% deles fizeram sua opção pela língua inglesa.

Numa pesquisa realizada na rede mundial dos computadores há uma declaração que confirma essa preferência pelo Espanhol, como demonstrado no gráfico acima:

Embora grande número de alunos escolham as questões de língua espanhola, há ainda aqueles que preferem o inglês. É o caso do estudante Rafael Barbosa, 18. Para ele, o período de cinco anos em que passou estudando no CIL [3]³ contribuiu positivamente para o avanço do conhecimento no idioma. “Já falo fluentemente. Então, é claro que escolhi o inglês no Enem”, diz (DIOGO E MACEDO, p. 02, 2018).

A maior parte das escolhas fica mesmo por conta do espanhol, mas, apesar de ser em minoria, o inglês ainda é escolhido para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio. Esse número reduzido de estudante que ainda optam pela LI deve-se, possivelmente, ao fato de terem frequentado cursinhos ou outro ambiente pensado especificamente para o ensino de língua estrangeira e também por manterem a crença de que para a realização deste exame o candidato necessita ter fluência no idioma que se inscreveu. Para a maioria dos estudantes é necessário ter fluência para ser capaz de realizar com êxito a prova do ENEM.

³ Centro Interescolar de Línguas 02 de Brasília Inglês, Francês e Espanhol. Inaugurado em 25 de novembro de 1998, O CIL 02 de Brasília é uma escola pública, voltada para o ensino de inglês, francês e espanhol aos alunos da rede pública de ensino do Distrito Federal.

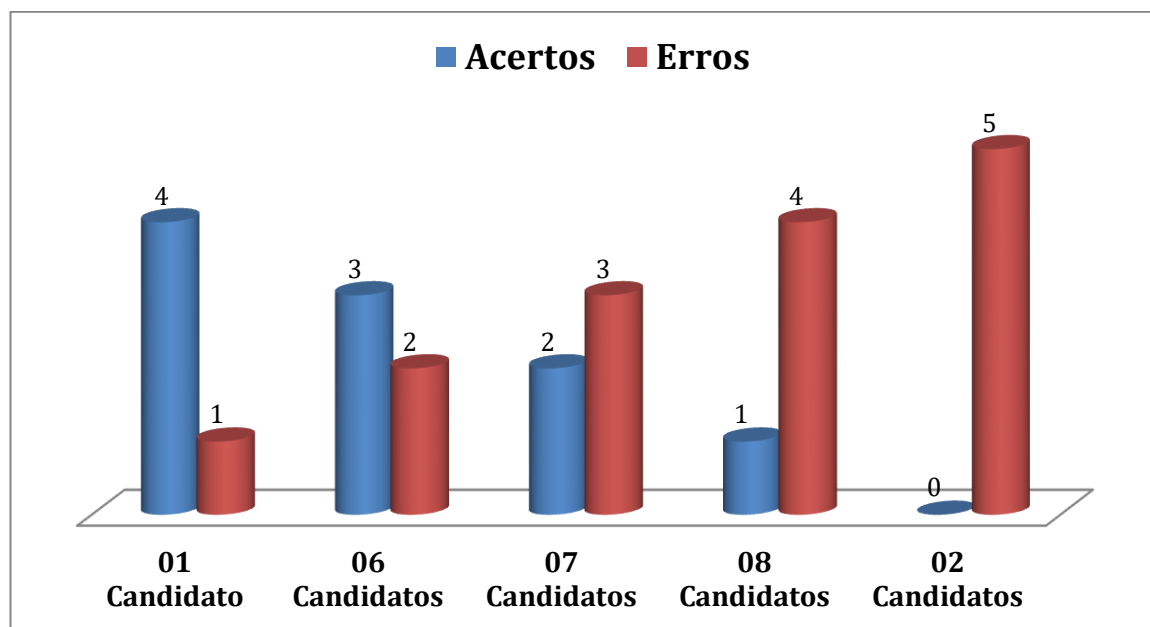
Em contrapartida, conforme nos alerta Adinoél Sebastião, professor de espanhol do Estratégia Enem, ele diz que:

Não é uma avaliação que exija um nível tão alto a ponto de a pessoa precisar de fluência da língua. Muitos se inscrevem pensando que precisam falar, escrever e se comunicar de modo completamente desenvolvido. Não chega a isso tudo. O importante é entender o mecanismo da prova e mostrar domínio básico de leitura (DIOGO, p. 01, 2018).

Diante disso, se é preciso ter fluência ou não, o certo é que o candidato deve ter um bom domínio das habilidades de leitura e interpretação, de conhecimento dos temas discutidos globalmente e conhecimento dos vocábulos que envolvem cada idioma.

Sobre o aproveitamento dos candidatos encontrado nas amostras analisadas, os gráficos que se seguem apresentam o desempenho desses candidatos, com o número de erros e acertos, primeiramente na Língua Espanhola, conforme gráfico 2 a seguir.

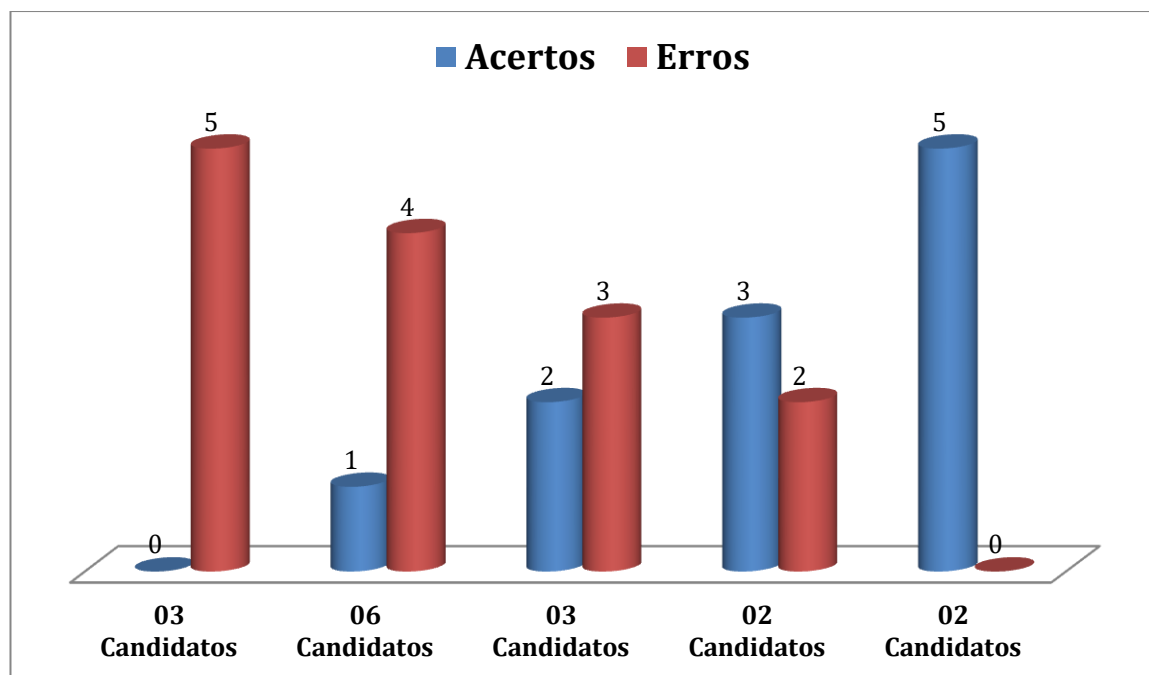
Gráfico 2: Língua Espanhola



Os dados acima sistematizados no gráfico 2, Língua Espanhola, mostram que dos 24 candidatos, apenas um deles conseguiu atingir 80% de acertos, 06 conseguiram atingir 60% já que tiveram 03 acertos, 07 candidatos 40%, pois obtiveram 2 acertos, 08 candidatos ficaram com 20%, em que houve apenas 1 acerto e 02 simplesmente não acertaram nenhuma questão.

Observe agora o gráfico 3, Língua Inglesa, referente ao desempenho dos candidatos na prova de LI:

Gráfico 3: Língua Inglesa



Com relação ao desempenho dos 16 candidatos na prova de língua inglesa, conforme os dados demonstrados no gráfico 3, acima, verifica-se que 02 candidatos acertaram as cinco questões, o que corresponde a 100% da prova, 02 conseguiram acertar 3 questões, obtendo 60% e 03 candidatos acertaram duas, ficando com 40% de aproveitamento, 06 candidatos acertaram apenas 01 questão, alcançando 20% de acertos e 03 não acertaram nenhuma delas.

Ao compararmos os gráficos 2 e 3 observa-se que o aproveitamento dos candidatos de língua espanhola não é alto, porém há um dado interessante que na língua inglesa, apesar de os candidatos serem poucos, apresentam um rendimento maior, pois dois candidatos alcançaram 100% de acerto nesta disciplina. Enquanto que na língua espanhola nenhum alcançou esse resultado.

Esta situação sugere que a opção pela língua inglesa é feita por aqueles que realmente sentem-se preparados para realizar a prova de língua estrangeira no ENEM ou por aqueles que frequentam cursinhos em algum outro ambiente de aprendizagem específico para o ensino de Língua estrangeira, onde eles têm a oportunidade de ampliar o conhecimento deste idioma, fora da sala de aula comum. O que não ocorre com a língua espanhola, pois sua oferta inicia nos anos finais da educação básica e a procura por cursinhos para se estudar este idioma é bem menor.

Para finalizar, observando, ainda, os gráficos 2 e 3, nota-se que o aproveitamento geral dos candidatos está mais ou menos proporcional entre uma língua e outra. Em

percentual, a língua espanhola fica com 36,66% e a língua inglesa com 35%. Na realidade o aproveitamento geral, tanto de um idioma quanto do outro, foi tão baixo que não chega nem a 40%. Entretanto, ainda que pequena, a língua espanhola leva vantagem sobre a língua inglesa de 1,66%. O destaque só não é maior porque simplesmente em espanhol, não houve quem acertasse plenamente a prova, enquanto que em inglês foram 02 candidatos que obtiveram um alcance de 100%.

Dessa forma, escolher língua espanhola não significa que o candidato terá êxito. Tanto um idioma quanto o outro exige dos concorrentes, conhecimento um pouco mais que básico das estruturas inerentes a estas duas disciplinas, como as habilidades de leitura e interpretação de diversos gêneros textuais, noções gramaticais, conhecimento vocabular e estar atento aos acontecimentos globais e tecnológicos. Os dois idiomas exigem atenção, não só dos educadores, bem como dos órgãos oficiais, no sentido de que o nível de ensino-aprendizagem de língua estrangeira deve avançar, para que alcancem destaque em provas como as do Exame Nacional do Ensino Médio e na sociedade também.

Considerações finais

Em 2010 a língua estrangeira passou a fazer parte do conjunto de disciplinas contempladas pelo ENEM. Isso, na verdade, foi algo que deve ser visto como inclusão e não exclusão, como muitos se sentem, excluídos, diante da dificuldade ao realizar a prova. Foi um avanço que demorou muito a chegar, principalmente pelo seu valor num mundo globalizado e por estarmos numa sociedade tecnologicamente inseridos.

É interessante entender que as crenças tanto dos alunos como de alguns profissionais da educação, acerca do ensino de línguas estrangeiras, devem ser consideradas como relevantes para que ocorram mudanças qualitativas no processo ensino-aprendizagem, pois é por meio delas que, enquanto o professor é levado a refletir sobre seu fazer pedagógico e partir em busca de alternativas para superá-las, os aprendizes compreendem seu papel de coparticipantes na construção do seu próprio saber.

Por fazer parte da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias a prova de língua estrangeira ocorre no primeiro dia sendo a primeira avaliação que o candidato realiza, fato que o favorece, pois o mesmo encontra-se descansado e, supostamente, sem estresse.

A indecisão que permeia o momento da inscrição no ENEM, que envolve a escolha da língua estrangeira, consiste simplesmente em crenças: a de que para ter êxito na prova de língua inglesa deve-se ter fluência neste idioma, por isso, mais da metade dos candidatos

escolhe a língua espanhola por acreditar ser mais fácil já que é um idioma parecido com a língua portuguesa, porém, constatou-se que isso não garantiu sucesso no exame.

Se o ENEM tem a força de mudar a vida do cidadão, é preciso que ele seja elaborado de forma que um maior número de alunos alcance êxito ao realizá-lo. Se os idealizadores deste exame pregam que basta apenas conhecimento básico, é necessário então, elaborar questões envolvendo competências e habilidades que estejam de acordo com o que pode ser ensinado em uma hora-aula semanal, entendendo um ambiente superlotado, com aprendizes com objetivos distintos e, muitas vezes, deficitário de professores com uma boa formação.

Enfim, é necessária a criação de Políticas Públicas de valorização não só do Ensino de línguas estrangeiras, mas da Educação brasileira em sentido amplo, pois se muitos estudantes são forçados a frequentarem instituições superiores privadas e não podem estudar em instituições públicas é porque, certamente, eles foram impedidos de entrar pela porta que deveria estar aberta e que se chama: ENEM.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Ana Maria. **Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas**. Universidade Federal de Viçosa. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v. 7, n. 2, 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**, Parte I - Bases Legais. p.33,,2000. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>> Acesso em: 31 mar. 2018.

_____. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental / Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Média tecnológica - Brasília: Ministério da Educação, 1998.

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez. p. 89-102, 1996.

DIOGO, Darcianne. MACEDO, Jairo. **A língua estrangeira como instrumento de conhecimento**. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/enem-2018/2018/10/08/noticias-enem,710921/a-lingua-estrangeira-como-instrumento-de-conhecimento.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

MACEDO, Jairo. **Dificuldade em inglês aumenta**. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/enem-2018/2018/10/08/noticias-enem,710926/dificuldade-em-ingles-aumenta.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A identidade do professor de inglês. **APLIEMGE: ensino e pesquisa**. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, 1997 p. 9-17.

SANTOS, Eliana Santos de Souza e. **O ensino da língua inglesa no Brasil.** BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras n.01, dezembro de 2011

SANTOS, Keila Mendes dos. LIMA, Diógenes Cândido de. **A Formação do Professor de Língua Inglesa no Cenário Brasileiro: Crenças e Experiências como Fatores de (Trans)Formação da Prática Pedagógica.** SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 14/1, p. 551-568, jun. 2011.